

## As implicações da espacialização como categoria analítica da conversa na Língua Brasileira de Sinais e na Língua Gestual Portuguesa

**Dannytza Serra Gomes<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Ceará  
Universidade do Porto

**Orquídea Coelho<sup>2</sup>**

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

**Celda Morgado<sup>3</sup>**

Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto

### RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivos principais investigar as implicações pragmático-discursivas da espacialização em conversas realizadas por surdos portugueses usuários da Língua Gestual Portuguesa (LGP), bem como perceber de que maneira ocorre o desenvolvimento do tópico discursivo em ambientes naturais de uso dessa língua. Temos como objeto de estudo a interação entre surdo-surdo e como principal instrumento de pesquisa a técnica de grupo focal. Para alcançar nossos objetivos nos amparamos na teoria da Análise da Conversação e elegemos o tópico discursivo como categoria analítica da conversa/interação para guiar os resultados deste estudo. Amparamo-nos, ainda, em resultados de Serra (2014) para investigar a presença da espacialização numa conversa em Língua Gestual Portuguesa. A análise partiu da percepção das propriedades teóricas já estabelecidas de tópico discursivo (centração, organicidade e espacialização), as possíveis rupturas e retomadas tópicas, o desenvolvimento do assunto a ser tratado. Depois de confirmada a presença da espacialização na LGP, pudemos apontar a evidente importância dessa propriedade para os estudos do tópico discursivo em línguas visuoespaciais.

**Palavras-chave:** Língua Gestual Portuguesa; Espacialização; Interação; Tópico discursivo; Surdo.

### ABSTRACT

This research aimed to investigate the pragmatic-discursive implications of spatialization in conversations conducted by deaf Portuguese users of Portuguese Sign Language (LGP), as well as to understand how the development of the discursive topic occurs in natural environments using this language. We have as object of study the interaction between deaf and deaf and as main research instrument the focus group technique. To achieve our goals, we rely on the theory of Conversation Analysis and chose the discursive topic as the analytical category of conversation / interaction to guide the results of this study. We rely on the results of Serra (2014) to investigate the presence of spatialization in a language conversation. Portuguese Gesture. The analysis started from the perception of the already established theoretical properties of discursive topic (centering, organicity and spatialization), the possible ruptures and topical retakes, the development of the subject to be treated. After confirming the presence of spatialization in LGP, we can point out the evident importance of this property for the studies of the discursive topic in visuospatial languages.

**Keywords:** Portuguese Sign Language; Spatialization; Interaction; Discourse topic; Deaf.

---

<sup>1</sup> Endereço de contacto: dannytzasg@gmail.com

<sup>2</sup> Endereço de contacto: orquidea@fpce.up.pt

<sup>3</sup> Endereço de contacto: celda@ese.ipp.pt

## 1. Considerações introdutórias

Para o estudo que apresentamos nesse artigo, inicialmente trabalhamos com a Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecida pela legislação brasileira, em 2002, como língua do sujeito surdo nascido no Brasil, e, posteriormente, com a Língua Gestual Portuguesa (LGP), reconhecida em Portugal em 1997. Podemos entender que, de certa forma, o reconhecimento dessas línguas nos apresenta a necessidade de pesquisas sobre as línguas de modalidade espacial e visual.

Nosso embasamento teórico é a Análise da Conversação (AC), uma vez que nosso interesse é a interação entre surdos. Partimos de um estudo inicial realizado no Brasil com a Libras, tendo como categoria de análise o tópico discursivo. Na ocasião, nosso interesse foi perceber se as propriedades já existentes na AC dão conta das interações realizadas em uma língua de modalidade diferente da oral. Os resultados encontrados apontam para a inserção de uma nova propriedade característica das línguas de sinais (LS)/gestuais (LG).

Assim, a nossa proposta de encetar um estudo que aborde, identifique e analise a interação entre surdos em uma outra LS, parece oportuna, visto que tencionamos propor uma remodelização de métodos e de elementos da AC para interações entre surdos. Por perceber que as teorias que respondem aos pressupostos da fala em interação de ouvintes não atendem, de forma geral, às interações ocorrentes entre surdos, surgiram-nos os seguintes questionamentos que se formularam como nossos problemas de pesquisa:

1. Que estratégias interacionais são utilizadas no processo de desenvolvimento tópico nas interações entre surdos, uma vez que entre ouvintes usuários de línguas orais esse desenvolvimento ocorre por meio de aspectos verbais e não-verbais?
2. Quais estratégias são utilizadas mais frequentemente em interações entre surdos para que seja desfeita a situação de eventual constrangimento dentro das conversas sem que haja prejuízo para o desenvolvimento do tópico discursivo?
3. Durante as interações entre ouvintes as interrupções podem, entre outras coisas, ser causadas por sons e ruídos externos à conversa. Uma vez que não há, entre surdos, essas mesmas situações de interrupção de conversa que existem entre os ouvintes, como acontecem essas interrupções nas conversas entre surdos em LS?

Algumas reflexões iniciais, realizadas a partir do contato diário com sujeitos surdos, permitiram formular inicialmente a seguinte hipótese de trabalho: se considerarmos que LGP é uma língua e que os contatos visuoespaciais entre surdos são conversas, os preceitos utilizados para a análise das interações ouvintes deveriam servir de modelo para uma possível modelização de uma teoria de análise da conversa entre surdos. Pensando ainda sobre a interação, consideramos a pertinência do tópico discursivo através da familiaridade que o falante tem com o assunto a ser tratado.

Precisamos levar em conta que alguns dos objetivos traçados foram encontrados quando aplicamos essa pesquisa em conversas entre surdos brasileiros usuários da Libras (Serra, 2009, 2914). Nossa intenção, portanto, é tentar buscar resultados em outra LS para confrontarmos os resultados e, assim, reafirmarmos a importância dos estudos da interação, apontando as implicações que uma nova categoria pode trazer para os estudos que envolvem as LS.

Assim, apresentamos esse artigo dividido em três partes. Na primeira parte, fazemos uma breve explanação sobre a Libras e a LGP para, em seguida, mostrarmos os pressupostos teóricos e analíticos da Análise da Conversação. Num segundo momento do texto, apresentamos o percurso metodológico selecionado para esta pesquisa e, ainda, uma breve apresentação das participantes da pesquisa, dos temas geradores das conversas e o tratamento dos dados. Por fim, a terceira parte traz uma análise e discussão dos resultados. Concluímos com algumas considerações sobre os resultados obtidos e as referências que fundamentam o estudo.

## 2. Fundamentação teórica

### 1.1. Breve descrição comparativa: Língua Brasileira de Sinais e Língua Gestual Portuguesa

Não há uma língua de sinais/gestual<sup>4</sup> universal, mas sim diversas línguas de sinais/ gestuais, de acordo com as comunidades que as utilizam no mundo. As línguas de sinais/ gestuais não dependem das línguas orais dos seus respectivos países, como podemos perceber em países de língua inglesa, a exemplo da Grã-Bretanha, da Irlanda e dos Estados Unidos, todos que têm línguas gestuais totalmente distintas, sendo que a mesma situação se verifica entre Portugal e o Brasil: a mesma língua oral e línguas gestuais diferente. Na realidade, a língua americana de sinais (ASL) está mais próxima da língua gestual Francesa (LSF) do que da língua gestual Britânica (BSL), porque tem influência da França, e não da Inglaterra.

A Libras e a LGP, as línguas de sinais/gestuais que interessam a este estudo, possuem um conjunto de regras gramaticais nas várias áreas da língua, como fonética, fonologia, semântica, pragmática, sintaxe, que preenche os requisitos científicos para que sejam consideradas como instrumental linguístico com grande força comunicativa. São constituídas de todos os elementos classificatórios que requerem o conceito de “língua”, não sendo, assim, simplesmente uma versão manual da língua oral usada pela comunidade ouvinte. Seu aprendizado exige conhecimento e prática, pois são línguas vivas e autónomas (Stumpf, 2005). Vale ressaltar que, embora apresentem princípios considerados Universais Linguísticos, os parâmetros divergem entre as línguas de sinais/gestuais e a língua oral destes dois países.

A língua de sinais/gestos é realizada a partir da combinação da forma, do movimento das mãos e do ponto no corpo ou no espaço onde esses sinais/gestos são feitos. Adicione-se que, para que a comunicação se processe, deve-se, não somente seguir a estrutura do espaço visual da Libras/LGP e da formação fonomorfológica dos sinais/gestos, como também preocupar-se com a precisão da realização de cada sinal/gesto, com o movimento adequado e as expressões não manuais correspondentes (Castro & Carvalho, 2005). Tal detalhamento é previsto na Libras e na LGP por cinco parâmetros fundamentais: a configuração de mãos, o ponto ou local de articulação, o movimento, a orientação e as expressões ou componentes não manuais. A ocorrência combinada desses parâmetros produz o sinal/gesto. O sinal/gesto permite, grosso modo, realizar o alfabeto manual, as palavras, as frases e os discursos.

Pensando na educação de pessoas surdas, precisamos reconhecer que a utilização de sua língua materna pode contribuir para o seu desenvolvimento escolar e acadêmico. A proposta bilíngue, apoiada em Skliar (1998, apud Coelho, 2010), é a de que se pode assegurar ao surdo as mesmas possibilidades linguísticas dos ouvintes, dando-lhes oportunidade de desenvolver sua cultura e sua identidade. Essa proposta defende o ensino da língua de sinais/gestual como primeira língua (L1) e da língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua (L2) para as pessoas surdas. Sobre o bilinguismo, apresentamos o seguinte relato de um surdo:

[...] o ensino simultâneo das línguas portuguesa e de sinais, que no início causou uma grande confusão em minha mente, uma vez que os códigos linguísticos de cada língua - símbolos, estrutura e gramática - ao invés de serem aprendidos de modo dissociado, na maioria das vezes, era aprendidos de modo associado, refletindo na escrita [...], refletindo no gestual, quase sempre incompreensível, começava, por simples bom senso, o bilinguismo em minha vida. [...]. (Silva & Nembri, 2008, p. 63).

De fato, como apontam Coelho et al. (2004, p. 157), "reivindicar uma educação bilíngue para os surdos significa legitimar o uso da língua gestual como língua de aprendizagem na escola". Dessa forma, o bilinguismo pode possibilitar o acesso de pessoas surdas à comunicação de maneira mais eficaz, obtendo mais êxito nas interações a que se veem expostas (Thoma & Lopes, 2004).

Atualmente, tanto no Brasil quanto em Portugal a proposta bilíngue - língua de sinais/gestual e língua portuguesa - é a que está em vigor. Segundo estudo de Santos, Coelho e Klein (2017), nos dois países, "as propostas de educação bilíngue para surdos estão atreladas ao discurso da educação inclusiva". Isso foi

---

<sup>4</sup> Dadas as diferenças terminológicas da designação da Língua manuomotora do Brasil e da Língua de Portugal, usaremos, neste artigo, língua de sinais e língua gestual como sinónimos.

percebido através da leitura de documentos legais, traçando uma relação entre a educação de surdos e a educação especial. Entretanto, sabemos que os modelos adotados pelos países supracitados não são coincidentes, nem partilham da mesma filosofia, do mesmo modo que não se tem garantia de aplicabilidade.

### *1.2 Pressupostos teóricos e analíticos: Análise da conversa*

Para Marcuschi (1998, p. 14), “a conversa é a primeira das formas de interação a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida a fora”. Para este autor, a conversa é o gênero base da interação entre os seres humanos. A conversa é uma atividade social desempenhada através do contato com outras pessoas. De acordo com Serra e Maia-Vasconcelos (2019), nessas situações, ocorrem as conversas que vão desde falas simples a conversas elaboradas que podem ter ou não um objetivo específico.

Sabendo que os propósitos teóricos e analíticos da Análise da Conversa (AC) são descrever e explicar as competências que os falantes manipulam e os recursos que usam e dos quais dependem para participar de uma interação, podemos compreender a relevância desta pesquisa. No Brasil, segundo o que nos foi possível encontrar, poucos são os trabalhos que pesquisam a Libras com bases nos pressupostos da Análise da Conversação. Leite (2008) busca oferecer critérios para a segmentação do discurso na Língua de Sinais Brasileira em unidades gramaticais. Para o autor, a teoria da conversa “ao observar o modo como os próprios participantes se orientam uns em relação aos outros na interação, revela uma visão dos recursos gramaticais como práticas sociais voltadas à realização das ações sociais na conversação” (p. 07). Em outra pesquisa, estudo anterior nosso, (Serra, 2009) apresenta as escolhas lexicais utilizadas pelos sujeitos surdos para criar e desenvolver condições adequadas de interação e, ainda, um estudo sobre o desenvolvimento do tópico de conversas realizadas em Língua de Sinais Brasileira. Por fim, nossa pesquisa no período de doutorado (Serra, 2014), apresenta a Espacialização como uma nova propriedade para os estudos da interação das LS. Tanto na pesquisa de Leite (2008) como em Serra (2009, 2014), percebemos o quanto ainda falta ser observado e estudado. Assim, podemos afirmar que, no estudo aqui proposto, investigaremos um fenômeno já confirmado na Libras e que, nesse sentido, esta pesquisa poderá oferecer uma contribuição substancial aos estudos comparativos das LS, à Linguística em geral e à AC em particular, apresentando uma forma mais adequada de observação e análise de dados empíricos em línguas visuoespaciais.

Por percebemos a relevância de propor um estudo que aborde a interação em LS/LG e pela falta de metodologia específica que abranja o uso das línguas de sinais/gestuais em momentos de interação, acreditamos ser este estudo de grande inovação e capaz de propor uma contribuição substancial aos estudos futuros em Linguística e em Ciências da Educação. Como bem já nos disse Marcuschi (1998), a interação entre surdos é um assunto muito complexo e que merece ser estudado. Portanto, uma área vasta a ser observada, pesquisada e analisada. E, a fim de alcançar nossos objetivos, propomo-nos dialogar com os autores na tentativa de apresentar os conceitos por eles estabelecidos e confrontá-los com dados reais obtidos posteriormente.

Nossa pesquisa buscará alcançar os resultados pretendidos através de uma das categorias de estudo da AC, a saber: o tópico discursivo (TD). Baseados nos estudos de Fávero (2005), podemos definir o TD como o tema ou assunto acerca do que se fala. Para a autora, os falantes compreendem quando a conversa está fluindo dentro do mesmo tema e/ou quando mudam o tema. Por isso mesmo, o TD “pode ser estabelecido pelo grupo que está engajado numa ação comunicativa num determinado contexto, pois dessa forma eles podem negociar o assunto que será abordado” (Serra e Maia-Vasconcelos, 2019, p. 21). Para Jubran et al (1992), o TD é o fio condutor da organização da interação e apresenta duas propriedades básicas, a saber, a centração e a organicidade.

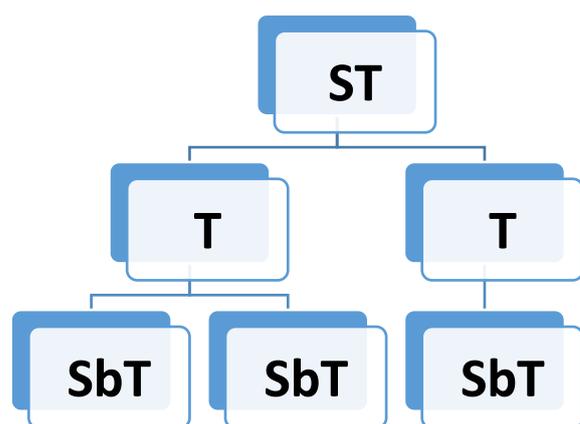
Explicando um pouco a centração, podemos dizer que está relacionada ao conteúdo e à forma como o assunto deve ser tratado, o que vai ser ou não dito. Assim, podemos utilizar referentes explícitos ou inferidos que contribuem para o desenvolvimento da interação. A propriedade da centração apresenta ainda alguns traços específicos: a *concernência*, um tipo de relação semântica entre os enunciados que é responsável pela integração do conjunto de referentes explícito ou inferível; a *relevância*, que depende do foco assumido pelos elementos do que vai ser dito e a *pontualização*, local onde se situa esse conjunto em determinado momento da mensagem (Jubran et al, 1992).

Podemos relacionar a organicidade à ligação entre os temas desenvolvidos numa conversa. Para Fávero (2005), a interdependência se dá a partir de dois planos: um sequencial (distribuição linear ou horizontal) e outro hierárquico (distribuição vertical). Apresentamos o plano hierárquico na Figura 1, que servirá para a análise dos dados desta pesquisa.

Em dado momento da interação, o supertópico e o subtópico podem aparecer como tópico, ao mesmo tempo. Isso vai depender de fatores ligados diretamente à conversação, como o nível de intimidade dos interlocutores, os objetivos comuns entre eles para a realização dessa conversa, o possível interesse e familiarização com assunto a ser discutido, entre outros.

Na pesquisa realizada com a Libras, no Brasil, nosso interesse prioritário foi mostrar que os elementos utilizados em línguas orais, Centração e Organicidade, são partilhados também nas línguas de sinais/gestuais até ao momento em que a *Espacialização*, categoria que emergiu de nossas análises, não fosse fator de interferência para a interação. Assim, buscamos apresentar evidências de que o desenvolvimento do tópico discursivo, assim como suas propriedades, está presente nos discursos realizados em línguas visuoespaciais. Essa visualização nos levou à Teia Conversacional, que expõe de maneira mais sistemática os lugares e os valores dos tópicos e dos subtópicos, mas também das rupturas ocorridas durante a interação, muito frequentemente pelo toque que um sujeito faz no outro, de modo a tomar o turno. Nos vídeos entre três participantes surdos, o toque foi um agente inibidor do descaso conversacional, do mesmo modo como a alteração de posição do corpo em relação ao outro – a que atribuímos a categoria de espacialização – foi atenuador ou agravador de constrangimentos ocorridos durante as conversas.

**Figura 1.** Representação da organicidade dos temas desenvolvidos numa conversa [ST= Supertópico; T = Tópico; SbT = Subtópico] (Fonte: Serra, 2014, p. 61; a partir de Fávero, 2005)



### 3. Estudo experimental

#### 3.1. Metodologia

Como aporte metodológico desta pesquisa embasamo-nos na Etnometodologia, uma vez que considera que através da prática diária desempenhada por seus atores em interação podemos construir a realidade social, assim, “por meio do senso comum, os estudiosos dessa área estão preocupados em compreender o sentido e o raciocínio prático que os atores demonstram em suas ações” (Serra e Maia-Vasconcelos, 2019, p. 24).

Para alcançar nossos objetivos, percorremos algumas etapas, sendo a primeira delas a revisão bibliográfica, seguida da definição dos temas a abordar. A partir da consulta ao referencial teórico disponível, construímos um mapa conceitual que pensamos nos ajudar a estabelecer temas para gerar as conversas entre os indivíduos surdos da maneira mais espontânea que pudemos conseguir, da mesma forma que fizemos quando analisamos a Libras. Para a pesquisa em LGP, definimos os seguintes temas: i) lembrança mais antiga da escola; ii) um mal necessário (atividade realizada por obrigação); iii) momentos de folga (tempo livre e lazer); iv) leitura, compreensão de textos em português, dificuldades encontradas, gramática de LP; v) aquisição da linguagem (LGP e LP) e mercado de trabalho (perspectivas de futuro).

A segunda etapa da pesquisa consistiu na coleta dos dados. Depois de algumas tentativas sem sucesso de contato com professores surdos de uma escola no Porto, decidimos realizar a coleta no CED-JRP da Casa Pia

de Lisboa. Lá contamos com o apoio da direção da escola e com as professoras surdas que se disponibilizaram a participar da pesquisa. Foram, no total, três professoras surdas de estudantes do Ensino Básico fluentes em LGP que participaram das conversas. As filmagens foram realizadas em um único encontro, numa sala da instituição reservada para o efeito. As professoras informantes assinaram um consentimento informado, esclarecido e livre, após análise desses documentos relativos à investigação em questão, a comissão de ética da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação emitiu parecer favorável à realização da pesquisa.

Antes de iniciarmos a análise dos dados, terceira etapa da pesquisa, solicitamos o auxílio de uma intérprete de LGP para a tradução dos dados filmados em LGP para áudio em LP. Posteriormente, fizemos a transcrição dos áudios e, em seguida, uma revisão, triangulando os diferentes suportes da pesquisa que se encontravam em línguas diferentes: os vídeos em LGP, os áudios em LP e a transcrição escrita em LP. Para a análise, fizemos um recorte, a fim de compor um *corpus* específico, pois não era viável a análise de todo o material linguístico coletado. Os vídeos, material primário do *corpus*, foram selecionados tendo em conta a relação entre familiaridade dos informantes com o tema em discussão e tempo de duração da conversa, filmada em cada vídeo.

Apresentamos agora o percurso metodológico da pesquisa.

#### A. Características sociolinguísticas das informantes

Inicialmente, apresenta-se um quadro-síntese (Tabela 1) com as características sociolinguísticas e demográficas da amostra, ou seja, traçamos um breve perfil das professoras que participaram como informantes da pesquisa.

**Tabela 1.** Características sociolinguísticas e demográficas das informantes da amostra

Participantes <sup>5</sup>	Profissão	Situação de Surdez (quando e como)	Aprendizagem da LGP	Histórico da educação/escola	Situação familiar quanto à surdez
Antónia	Professora de LGP (CED JRP Casa Pia)	Surda ao ano e meio	18 anos; na escola	Escola de ouvintes; Casa Pia	Pais ouvintes 1 filha surda de nascimento com 3 anos
Maria	Professora de LGP (CED JRP Casa Pia)	Surda aos 3 anos de idade	8 anos; na escola	Casa Pia	Pais ouvintes Casada com surdo; sem filhos
Francisca	Professora de LGP (CED JRP Casa Pia)	Nasceu surda	Desde nascimento; LM no seio familiar	Casa Pia	Pais e irmã surdos Amigos dos pais e seus são surdos

#### B. Composição do corpus e critérios de coleta e de recorte

Antes de realizarmos a análise dos dados, foi necessário fazermos um recorte para a composição do *corpus*, pois não foi viável a análise de todo o material coletado no encontro com as professoras surdas do CED-JRP da Casa Pia. Inicialmente, aquando do projeto de pós-doutoramento, tínhamos 10 temas. Durante as reuniões com as supervisoras foi feita uma seleção de seis, de acordo com a realidade portuguesa e dos participantes previstos: i) lembrança mais antiga da escola; ii) um mal necessário, atividade realizada por obrigação; iii) momentos de folga, tempo livre e lazer; iv) leitura, compreensão de textos em Português, dificuldades encontradas, gramática de LP; v) aquisição da linguagem – LGP e LP e vi) o mercado de trabalho, perspectivas de futuro.

Dos seis temas, selecionamos um para a análise. O critério<sup>6</sup> estabelecido para este recorte foi a extensão do tópico, ou seja, a duração da interação. Atendendo a esse critério, ficou, portanto, um vídeo para análise, como apresentado na Tabela 2.

<sup>5</sup> Os nomes das participantes são fictícios, foram trocados por questões de investigação.

<sup>6</sup> Critério estabelecido segundo os preceitos da Etnometodologia.

**Tabela 2.** Tema e duração da conversa que compõem o corpus após recorte

N.º de participantes	Temas a abordar	Observação
3 pessoas surdas	O mercado de trabalho – perspectivas de futuro.	13 min 32 seg

### C. Metodologia de transcrição e tratamento dos dados

Após a filmagem das seis conversas elicítadas, demos andamento à observação dos vídeos e à interpretação e transcrição. Nesse sentido, solicitamos junto à Associação de Tradutores e Intérpretes de LGP (ATILGP) a interpretação-tradução dos vídeos de LGP para Língua Portuguesa oral. Dada a agilidade dos intérpretes da ATILGP em entregar a tradução em dois dias, partimos, de imediato, para a transcrição dos áudios para Português escrito. Esta última tarefa foi realizada por nós. O trabalho de transcrição foi exaustivo e um pouco demorado devido às especificidades de se trabalhar com duas línguas de modalidade distinta – a LGP e a Língua Portuguesa, na modalidade oral e escrita –, além de acrescer o nível de complexidade porque a investigadora principal deste Pós-Doutoramento domina a Língua de Sinais Brasileira e o Português variante do Brasil<sup>7</sup>.

As seis conversas filmadas em LGP foram interpretadas/traduzidas para Língua Portuguesa na modalidade oral e gravadas em áudio, e, a partir deste último suporte de registo, foram feitas as transcrições escritas. Os dados das conversas<sup>8</sup> que não integram o recorte do corpus e não serão analisados no âmbito estrito deste artigo, ficarão para posterior análise e os dados serão publicados em suportes diferentes e de divulgação nacional (Portugal e Brasil) e internacional.

## 4. Análise e discussão dos resultados

O vídeo agora analisado teve a duração de 00:13:32 min e conta com a participação de três informantes, a saber, Antônia, Maria e Francisca. Temos, portanto, o número máximo de participantes das interações propostas para essa pesquisa. A gravação desse vídeo foi realizada na sala dos professores do CED-JRP da Casa Pia. O tema proposto foi “o mercado de trabalho – perspectivas de futuro”, objetivando perceber como o tema impacta na vida pessoal e profissional de cada uma das informantes envolvidas na conversa.

O vídeo começa com a fala da informante Maria: “essa é comigo, eu sou a única que trabalha nessa área”. Imediatamente Antônia e Francisca concordam com ela. Maria fala de sua preocupação com o futuro dos seus alunos e diz que questiona em sala sobre o que eles querem fazer: se cursar uma faculdade ou escolher um curso. Ela defende ainda que os professores precisam orientar os alunos desde cedo. E pergunta o que Antônia e Francisca respondem aos alunos quando questionadas sobre o futuro. Francisca diz que, em sua turma do primário, questiona os alunos sobre o que eles querem ser ou fazer quando adultos. Antônia aponta que os alunos fantasiam muito e que é necessário trazê-los à realidade. Em seguida, Maria fala que os alunos dizem que o salário não importa e ela explica à turma que o salário é importante para pagar as contas, como aluguel, internet, comida.

Maria fala de sua experiência de quando foi aluna e participou de momentos propiciados pela escola, de encontros com surdos adultos que exerciam as mais diversas profissões, entre elas as de professores, cozinheiros, mecânicos. Para ela isso foi muito relevante na sua formação e, assim, defende que os alunos surdos de hoje tenham a mesma chance que ela teve. Maria ressalta que, na maioria das vezes, são os

<sup>7</sup> Os dados levantados por Serra (2014), uma das autoras desta pesquisa, são utilizados a fim de entender, por comparação, como se dá a espacialização na Língua Gestual Portuguesa (ver bibliografia para mais informações).

<sup>8</sup> Por conta das características das Línguas de Sinais e Línguas Gestuais, bem como pela dinâmica da forma de interação entre sujeitos surdos, solicitamos dos entrevistados autorização para utilização de suas imagens a fim de garantir a coleta das informações, além de garantir os contornos éticos da pesquisa. Vale ressaltar que a língua de sinais e/ou gestual é uma língua visual, assim faz necessário, para análise executada nesta pesquisa, o movimento dos olhos no processamento de linguagem. Mediante a essa necessidade, os entrevistados assinaram termo de consentimento voluntário autorizando o uso de todos os dados de modo a viabilizar a pesquisa e para uso restrito à pesquisa sobre língua de sinais e/ou gestual.

professores que se preocupam em chamar a atenção dos alunos para o futuro. Ela se ressentida de os alunos não terem a iniciativa de buscar orientações com os professores sobre o futuro deles no mercado de trabalho. Maria levanta uma questão interessante quando diz que muitas vezes na escola os surdos são desacreditados. Isso, segundo ela, desestimula muitos alunos surdos a concluírem a escolarização básica e a pensar em estudos para obter um bom emprego. Pensado em resolver essa situação Maria e Antônia julgam que falta um líder para orientar os surdos. Um líder que, segundo Maria, seria alguém que se preparou desde muito cedo para ser uma referência para a comunidade surda, pois para ela os surdos sem as devidas orientações “se perdem” e ficam para trás.

Francisca pergunta se é fácil conseguir emprego. Antônia diz que não é fácil e Maria justifica essas dificuldades pelas barreiras encontradas pelo surdo, bem como, por eles mesmos não acreditarem ser capazes de desempenhar as tarefas. Para Maria as exigências do mercado de trabalho mudaram, pois agora são exigidas capacidades além da força física e da aptidão para trabalhos manuais. Elas conversam um pouco sobre a falta de oportunidades para a pessoa surda. Maria cita como exemplo a oferta da disciplina de Cidadania que só tem ouvintes matriculados e questiona “porque o surdo não está lá?”. Para Antônia é fundamental que as mudanças sejam ensinadas às crianças ainda muito pequenas para que, de fato, ocorram.

As informantes desviam o tópico da conversa para falar das dificuldades de ser surdo, mas retomam a discussão quando falam em como vai ser o futuro do jovem surdo em relação ao trabalho. Maria retorna a fala sobre a importância da preparação de jovens surdos ainda na infância. Para ela a criança pequena precisa ser preparada para o futuro, pensar num objetivo, na escolha da faculdade. Ela defende que é preciso incentivar as crianças. Francisca levanta a hipótese de que seja feito com os jovens de hoje como no passado, referindo-se ao encontro com surdos adultos que já estão inseridos no mercado de trabalho.

Antônia, Maria e Francisca relatam ainda a dificuldade de manter os alunos em sala de aula. Maria fala que ela chama alguns alunos para conversar para que eles não desistam da escola. Ela demonstra muita preocupação com o futuro dos jovens surdos, mas diz que é muito difícil conversar com todos eles para alertar sobre a importância do estudo e da escola. Para Francisca o que falta é exatamente alguém que estimule e incentive o aluno surdo a se capacitar, a pensar no futuro, a querer um futuro melhor. Para ela é preciso “arregaçar as mangas e lutar por isso”. Nesse momento, Maria sugere o nome gestual de algumas pessoas que podem ajudar com informações para ajudar a dirimir as dúvidas dos alunos. Assim encerram a conversa. Apresentamos na Tabela 3 uma síntese da interação.

**Tabela 3.** Síntese dos resultados da interação

<b>Tópico</b>	O mercado de trabalho – perspectivas de futuro
<b>Objetivo</b>	Observar o uso do tópico, do subtópico e a presença da Especialização
<b>Hipótese</b>	Ocorre o uso do tópico e do subtópico e os temas ligados a eles aparecem com frequência durante todos os momentos na fala dos informantes; pode ocorrer a ruptura e a retomada tópica a qualquer tempo da conversa.
<b>Resultado</b>	Podemos perceber a marca de Tópico em termos como <i>futuro, orientação, trabalho, capacidade</i> ; o uso do Subtópico pode estar presente em termos como <i>estudo, faculdade, trabalho, lutar, experiência, escola, realidade, lutar, experiência, jovens surdos, que queres ser, criança surda</i> ; mas a ruptura do tópico ocorre quando se fala em <i>dificuldade, não posso, não consigo, barreiras, prejudicado, nome gestual de pessoas</i> ; mas há a retomada tópica percebida por expressões: <i>trabalho manual, modelo</i> .

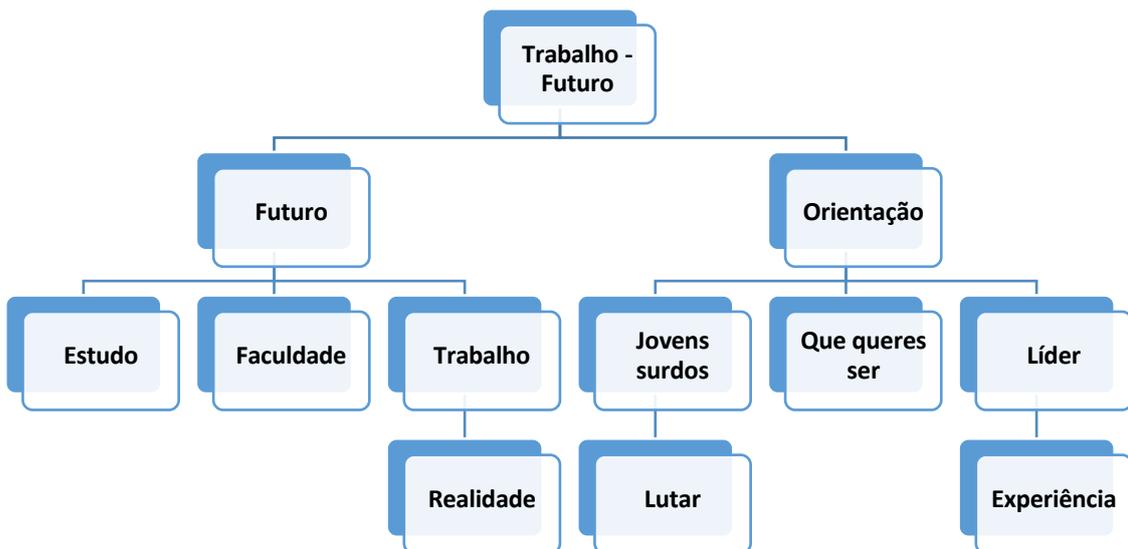
Ao analisarmos esse vídeo, deparamos-nos com o fato de que nossa informante Maria domina a interação, pois, no início da conversa, Antônia e Francisca apenas observam e concordam com as colocações que ela faz. Para tratarmos do estudo do tópico, interesse principal desta pesquisa, passamos agora à análise de suas propriedades. Podemos apontar a familiaridade do assunto discutido como o responsável pela centração. A relevância é percebida logo no início da conversa quando Maria demonstra satisfação sobre o que vão conversar. A concernência é mantida através dos mecanismos semânticos estabelecidos na interação.

Percebemos a pontualização na relação das duas primeiras propriedades da centração que pode ou não definir a finalidade da conversa. Em um rápido momento da interação, houve a ruptura tópica quando se decidiu tratar apenas das dificuldades de ser surdo, mas a retomada aconteceu em seguida.

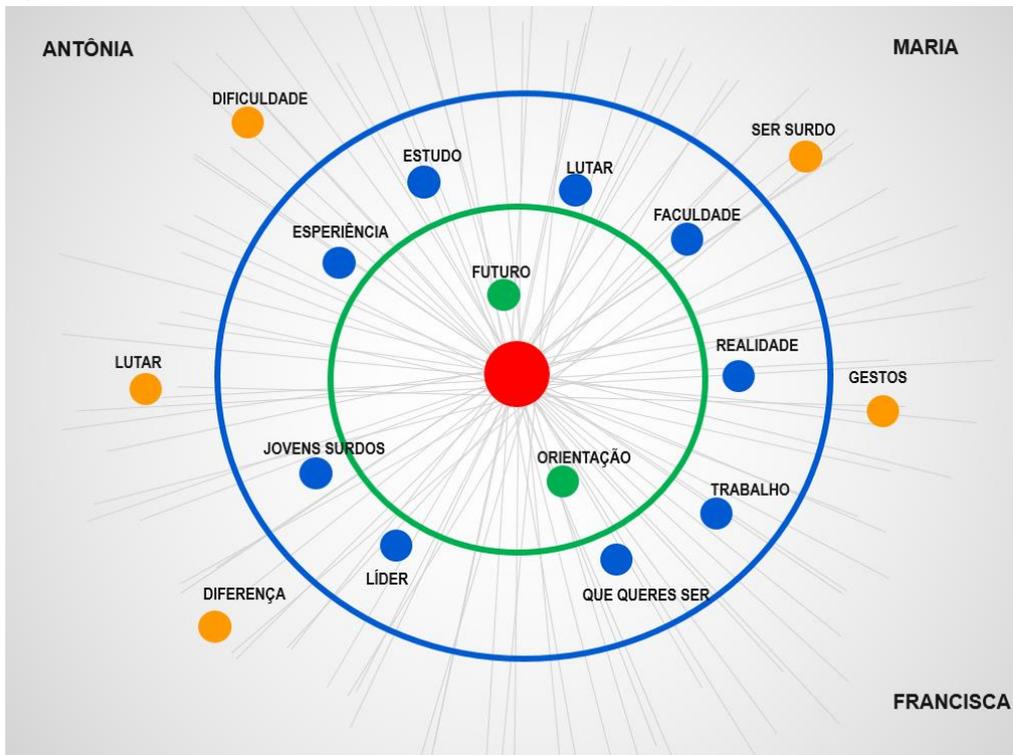
Para apresentarmos resultados da organicidade, é necessário perceber as relações de interdependência entre o que é dito pelos informantes. O plano linear proposto por Fávero (2005) aparece na interrelação entre os subtópicos presentes na conversa. O plano hierárquico pode ser representado pela relação estabelecida entre o supertópico, os tópicos e os subtópicos durante o desenvolvimento da interação. Vejamos o gráfico da interação analisada na Figura 2.

Baseados no desenvolvimento do tópico apresentado na Figura acima, apresentaremos o que Serra e Maia-Vasconcelos (2019) nomearam de Teia Conversacional (ver Figura 3). As autoras classificaram essa teia como “a pertinência do que se fala e a relação do que é dito com o tópico sugerido” (Serra & Maia-Vasconcelos, 2019, p. 28), assim, a proximidade entre o supertópico, os tópicos e os subtópicos delimitam a Teia Conversacional. Sobre a conversa aqui analisada, apresentamos na Figura 3 a maneira como pode ser traçada a teia conversacional.

**Figura 2.** Representação da organicidade dos temas desenvolvidos na conversa sobre Mercado de trabalho, perspectivas de futuro. (Fonte: elaboração própria)



**Figura 3.** Teia Conversacional da interação analisada (Fonte: elaboração própria)



Em pesquisa anteriormente realizada (Serra, 2014), propomos o estudo de uma terceira propriedade do tópico discursivo em interações realizadas em LS, a saber, a espacialização. Essa propriedade diz respeito ao espaço onde ocorre a sinalização/gestualização durante a interação. E, como a participação na conversa se dá pelo canal visual, é necessário que, em alguns momentos, haja o deslocamento do corpo para que se perceba o que o interlocutor está falando e para quem se dirige. As imagens abaixo (Figura 4) mostram a ocorrência da espacialização no momento da interação. Durante a conversa, é comum ocorrer sobreposição de falas e a direção visual e a posição da cabeça podem mudar, ocasionando uma interferência na continuidade tópica. Como o espaço físico onde ocorreu a interação é restrito, quase não percebemos o deslocamento do tronco.

**Figura 4.** Ocorrência da espacialização em conversas em LGP (ao centro Maria, à direita Antônia e à esquerda Francisca) (Fonte: arquivo dos investigadores)



No início da conversa, quando Maria tinha a palavra, Antônia e Francisca estavam com a atenção visual no que aquela dizia, talvez devido à posição que ocupa no centro do espaço de conversação. Podemos ver nas imagens acima que ora Maria se desloca para um lado, ora para outro e, ainda, abaixa a cabeça e não foca no que está sendo dito na conversa. Quando ela se vira para Antônia, não percebe o que Francisca diz. O mesmo ocorre em contrário. Assim, podemos perceber que a espacialização é necessária para que o tópico se desenvolva e a interação continue sem prejuízo em LGP, assim como percebemos em Libras (Serra, 2014).

Foram encontrados alguns aspectos relevantes a analisar em futuros trabalhos neste contexto e que são visíveis nos discursos em estudo: como ocorre a troca de turnos; os aspectos tacênicos que dizem respeito ao toque

durante a interação; o constrangimento conversacional; os marcadores conversacionais; o reparo e o autoreparo da fala; o planejamento e replanejamento das falas.

## 5. Considerações finais

Sabemos que a interação desempenha um papel fundamental na vida das pessoas. É por meio dela que podemos estar em contato uns com os outros, de modo a criar e manter nossas relações sociais. Assim, desenvolver um estudo que trate da interação entre indivíduos surdos portugueses usuários de LGP na tentativa de comprovar os resultados já alcançados no Brasil com a Libras foi o propósito que nos guiou durante a pesquisa.

Em uma breve comparação dos resultados encontrados na pesquisa com a Libras, podemos apontar que, no primeiro estudo, tivemos a participação de quatro informantes, sendo dois homens e duas mulheres, todos professores. As filmagens no Brasil ocorreram com dois, três e quatro participantes por vez. Em Portugal tivemos a participação de três informantes mulheres. Todos os vídeos foram realizados com as três professoras surdas. Um outro dado importante é que a pesquisadora principal domina a Libras e, em relação a LGP, tem apenas o curso básico, o que a fez recorrer a Intérpretes de LGP.

A nossa proposta consistiu na identificação da presença da Especialização nas conversas entre surdos portugueses. Desde o princípio, colocávamos a ideia de que a propriedade proposta e observada nas conversas entre surdos brasileiros também se apresentaria nas conversas em LGP. Através do estudo do tópico discursivo, foi possível analisar as conversas e comprovar que a especialização se manifesta em outra LS.

Com base nos resultados apresentados, podemos apontar que a propriedade da especialização, antes vista na interação entre surdos brasileiros usuários da Libras, também aparece nas interações entre surdos portugueses que conversam em LGP. Esse dado nos mostra que a propriedade pode e deve ser considerada em estudos das mais diversas formas de interação entre surdos nas LS de outros países. Por isso, a pesquisa contribui sobremaneira para futuras investigações linguísticas que envolvam a interação e as línguas visuoespaciais, uma vez que, aplicada em duas línguas diferentes e alcançados resultados similares, comprovamos a necessidade de remodelização dos estudos da Análise da Conversação, de forma a abarcar as especificidades das línguas em questão.

## Referências

- Castro, A. R., & Carvalho, I. S. (2005). *Comunicação por língua brasileira de sinais*. Brasília: Editora Senac.
- Coelho, O. (2010). Da lógica da justificação à lógica da descoberta. Ser surdo num mundo ouvinte: um testemunho autobiográfico. *Cadernos de Educação*, 36, 197-221.
- Coelho, O., Cabral, E., & Gomes, M. C. (2004). Formação de surdos: ao encontro da legitimidade perdida. *Educação, Sociedade e Culturas*, 22, 153-181.
- Fávero, L. et al. (2005). *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez.
- Jubran, C. C. A. S. et al. (1992). Organização tópica da conversação. In R. Ilari (Org.), *Gramática do português falado*, v.II. Campinas/SP: UNICAMP; São Paulo: FAPESP.
- Leite, T. A. (2008). A segmentação de língua de sinais brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos (Tese de Doutorado não publicada). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Marcuschi, L. A. (1998). *Análise da conversação* (4ª Ed). São Paulo: Ática.
- Santos, A. N., Coelho, O., & Klein, M. (2017). Educação de surdos no Brasil e Portugal: políticas de reconhecimento linguístico, bilinguismo e formação docente. *Educ. Pesqui.*, 43(1), 215-228.
- Serra, D. G. (2009). Língua Brasileira de Sinais: escolhas lexicais e desenvolvimento do tópico discursivo (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), Brasil.
- Serra, D. G. (2014). Língua Brasileira de Sinais: fala-em-interação entre surdos (Tese de Doutorado não publicada). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), Brasil.
- Serra, D. G., & Maia-Vasconcelos, S. (2019). Fala-em-interação entre surdos: estudo do tópico discursivo, In S. Maia-Vasconcelos, D. G. Serra, P. Perin, & F. Lima (Orgs), *Análise da conversação: teoria e prática* (1ª Ed). Curitiba: Appris.

- Silva, A. C., & Nembri, A. G. (2008). *Ouvindo o silêncio: educação, linguagem e surdez*. Porto Alegre: Mediação.
- Stumpf, M. R. (2005). Práticas de bilingüismo: Relato de experiência. *Educação Temática Digital*, 7(2), 290-299.
- Thoma, A. S., & Lopes, M. C. (2004). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.